



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS LIBRAS - BACHARELADO**

Maria Elisa Piereck Martins Madalena

# **Desafios do Intérprete de Libras no Ensino Médio**

Joinville/SC

2018

Maria Elisa Piereck Martins Madalena

# **Desafios do Intérprete de Libras no Ensino Médio**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do curso de Graduação Bacharelado em Letras Libras,

Professora Orientadora: Professora Dra. Aline Pizzio.

Coorientadora: Professora Me. Laura Serpa

Joinville/SC

2018

*Dedico esta, como todas as minhas demais conquistas, a meu amado marido Fábio Madalena e aos meus dois tesouros que são minha vida, meus filhos Maria Helena Madalena e Pedro Madalena que sempre me apoiaram para chegar até aqui e todos aqueles que me incentivaram nesta jornada acadêmica.*

“A Escola deve ser um elemento transformador. A isso, acrescentaríamos: deve sê-lo de modo especial para o surdo, mais do que para qualquer outra criança ouvinte, pois temos que admitir o seu universo, mas transformar a sua deficiência em eficiência. Talvez, mais do que educadores em geral, tenhamos o compromisso com a escola transformadora.” Alfredo Goldback (adaptação)

## AGRADECIMENTOS

A ao mundo por todas as energias boas e positivas que sempre me rodeiam, assim me protegendo, por minha vida, família e amigos.

Sou muito grata ao Fábio, meu marido, amigo, companheiro, pela paciência e dedicação neste tempo em que passei estudando, pois muitas vezes chorei em seus braços que sempre me acalentou e me incentivou a nunca desistir de meus objetivos e sonhos.

Minha eterna gratidão a Professora Mestre Laura, minha amada incentivadora, que no meu primeiro dia no polo me recebeu de braços aberto, me dando um forte abraço que me tranquilizou e que já mais foi esquecido, por suas palavras que nunca me fizeram cair e sim levantar a cabeça e prosseguir, por ter sido minha Coorientadora neste difícil trabalho.

Agradeço a Professora Dra. Aline Pizzio pelas suas orientações. Minha gratidão também aos meus colegas de graduação por cada dia que passamos juntos e meus agradecimentos em especial, aos meus amigos de todos os momentos Eugênio Lima e Deise Leonel que sempre me apoiaram muito em todo este percurso e que além, de amigos dois irmãos que a vida me deu.

## RESUMO

A Educação é dever do Estado e direito de todos, nesse princípio a Educação Inclusiva é a garantia do atendimento a todos os educandos na escola de ensino regular, independentemente de suas necessidades ou habilidades. O processo inclusivo requer uma postura social de valorização das diferenças e respeito à diversidade, sem preconceito ou discriminação. O presente trabalho relata os aspectos relacionados ao Intérprete de Língua de Sinais atuantes no contexto educacional em escolas com Alunos Surdos inseridos no Ensino Médio do ensino regular e pode contribuir com a educação de Alunos Surdos e com a atuação do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula. Através da leitura de autores renomados, tais como: Albres (2015), Quadros (2003 e 2004), Mantoan (2006), Santos (2005), Rosa (2003), e de pesquisa de cunho bibliográfica, pode-se verificar que a educação inclusiva não é fato momentâneo, pois surgiu de grandes reflexões após séculos de segregação, todavia, o direito a educação atualmente se estende a todos, sem discriminação. Analisar o processo de inclusão em sala de aula do Intérprete de Língua de Sinais, desmistificando ideias equivocadas relacionadas presença deste profissional na escola. Sendo que existe a contratação destes profissionais com pouca fluência em língua de sinais, para atuarem como interprete em sala de aula auxiliando na aprendizagem da dos alunos surdos. É necessário capacitações para desenvolver as habilidades do Intérprete de Língua de Sinais, em suas atividades interpretativas. Nesse sentido o sistema de ensino deve se adequar as necessidades sociais, tanto no que diz respeito ao currículo quanto à estrutura física. As políticas inclusivas muito contribuem teoricamente para que a educação inclusiva aconteça, contudo, a prática requer muito mais que leis e decretos requerem compromisso, recursos e formação profissional. O presente trabalho foi realizado através de constantes leituras acerca do processo de inclusão do aluno Surdo nas instituições que atuam com o Ensino Médio do ensino regular, com o apoio de autores referidos ao tema, auxílio de pesquisas bibliografias e-books e com a significativa experiência em três estágios obrigatórios, além de muitas leituras a respeito do assunto. A metodologia utilizada através do método dedutivo, que se deu por meio da observação de uma escola da rede estadual de educação de Santa Catarina, da cidade de Florianópolis, em uma turma de quarenta alunos ouvintes do Ensino Médio, em que há um aluno surdo e um Intérprete de Língua de Sinais.

**Palavras-chave:** Educação, Inclusão, Interpretação.

## ABSTRACT

Education is the duty of the State and the right of all, in this principle Inclusive Education is the guarantee of attendance to all students in the regular school, regardless of their needs or abilities. The inclusive process requires a social posture of valuing differences and respect for diversity, without prejudice or discrimination. The present work reports the aspects related to the Interpreter of Sign Language in the educational context in schools with Deaf Students inserted in the High School of the regular education and can contribute with the education of Deaf Students and with the performance of the Interpreter of Sign Language in room of class. Through the reading of renowned authors, such as: Albres (2015), Quadros (2003 and 2004), Mantoan (2006), Santos (2005), Rosa (2003), and bibliographic research, it can be verified that Inclusive education is not a momentary fact, because it arose from great reflections after centuries of segregation; however, the right to education now extends to all without discrimination. Analyze the process of inclusion in the classroom of the Sign Language Interpreter, demystifying misconceptions related to the presence of this professional in the school. Being that there is the hiring of these professionals with little fluency in sign language, to act as an interpreter in the classroom helping in the learning of the deaf students. Skills are needed to develop the abilities of the Sign Language Interpreter in its interpretive activities. In this sense, the education system must adapt to social needs, both in terms of curriculum and physical structure. Inclusive policies theoretically contribute to inclusive education, however, practice requires much more than laws and decrees require commitment, resources and professional training. The present work was carried out through constant reading about the process of inclusion of the Deaf student in the institutions that work with the High School of regular education, with the support of authors related to the topic, assistance of bibliographies e-books and with significant experience in three obligatory stages, as well as many readings on the subject. The methodology used through the deductive method, which was made through the observation of a school of the state education network of Santa Catarina, in the city of Florianópolis, in a class of forty high school students, in which there is a deaf and a Sign Language Interpreter.

**Keywords:** Education, Inclusion, Interpretation.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. A INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS: SUA HISTÓRIA, SUAS LEIS E SEUS PROFISSIONAIS.....</b>	<b>10</b>
1.1 A Formação do Profissional Tradutor e Intérprete da Libras.....	13
1.2 Legislação.....	15
1.3 Políticas Públicas de Inclusão.....	17
<b>2. O INTERPRETE DE LIBRAS E SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL.....</b>	<b>19</b>
2.1 O Intérprete de Libras no Contexto Educacional.....	20
2.2 S Desafios e Perspectivas da Interpretação em Sala de Aula .....	22
<b>3. MEDODOLOGIA DA PESQUISA.....</b>	<b>23</b>
3.1 Objetivos da Pesquisa.....	23
3.2 Coletas dos Dados.....	24
3.3 Informantes da Pesquisa.....	24
<b>4. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>24</b>
<b>5. ANÁLISE DE DADOS.....</b>	<b>37</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>45</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>48</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho relata os aspectos relacionados ao Intérprete de Língua de Sinais atuantes no contexto educacional em uma escola estadual na cidade de Florianópolis que possui Alunos Surdos matriculados no Ensino Médio do ensino regular e contribuindo com a educação dos mesmos e com a atuação do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula.

A problemática desta pesquisa está vinculada a atuação do Intérprete de Língua de Sinais, partindo de reflexões sobre as perspectivas e desafios do processo de inclusão de alunos Surdos e seus Intérpretes de Língua de Sinais no ensino regular. Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo investigar os dilemas e problemas recorrentes na atuação de Intérprete de Língua de Sinais no contexto educacional no Ensino Médio do ensino regular.

Através da leitura dos autores: Albres (2015), Quadros (2003 e 2004), Mantoan (2006), Santos (2005), Rosa (2003) e de pesquisa de cunho bibliográfica e de campo, pode-se verificar que a inclusão de alunos Surdos e dos Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula, não é fato momentâneo, pois surgiu de grandes reflexões após séculos de segregação, todavia, o direito à educação inclusiva atualmente se estende a todos, sem discriminação. Nesse sentido, o sistema de ensino deve se adequar às necessidades sociais, tanto no que diz respeito ao currículo quanto à estrutura física e linguística.

Segundo Quadros (2003: 79)

Considerando-se os diferentes tipos de discurso aos quais o intérprete é exposto, torna-se necessário que ele busque possibilidades de criar ideias sobre o que é usado no momento, além de elementos linguísticos e referenciais que auxiliem o surdo na construção de sentido aos objetos expostos no texto escrito ou falado. Numa situação de interpretação simultânea, existe a preocupação de que esta não seja suficiente à compreensão do discurso pelo surdo, haja vista que a tradução não será exatamente igual ao discurso original. Nessa ocasião, portanto, o intérprete utiliza o planejamento linguístico do locutor. (QUADROS. 2003, p79):

Com relação à Inclusão de alunos Surdos nas escolas de ensino regular, foco deste trabalho de pesquisa, esta em perceber e analisar os desafios que os interpretes de Língua de Sinais encontram, em sua prática em sala de aula, e como ele contribui no processo de ensino e aprendizagem dos alunos Surdos, considerando que no ensino regular predominam as manifestações culturais dos ouvintes, por serem minoria os alunos surdos não convivem com sua língua materna diariamente no ambiente educacional.

A Interpretação da Língua de Sinais se tornou uma profissão regulamentada quando foi reconhecida em 1º de setembro de 2010 pela Lei nº 12.319. O recente ato vem suscitando novas discussões acerca dos parâmetros para o exercício de tal função, como a formação, atuação, sindicalização e valorização dessa atividade, tendo em vista que o intérprete deverá atuar no âmbito escolar, social e religioso.

Neste sentido cabe citar a Lei em seu artigo 1º, onde diz que a Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LÍBRAS. E no artigo 2º diz que: O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Nesse trabalho será realizado uma reflexão a respeito da importância do Intérprete de Língua de Sinais educacional e seu papel na educação dos surdos, assegurado pela lei nº 12.319, que regulamenta essa profissão e como vem sendo desenvolvida a formação do Intérprete de libras e dos professores no contexto da inclusão.

Através de uma análise bibliográfica e de questionários aplicados com Alunos Ouvintes, Alunos Surdos, Professores de Turma e os Interpretes da Língua de Sinais, sobre o processo de inclusão em sala de aula e desmistificar ideias equivocadas relacionadas à presença deste profissional na escola.

Pois infelizmente existe a contratação destes profissionais com pouca fluência em língua de sinais atuando nas escolas Estaduais no município de Florianópolis, para atuarem como Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula auxiliando na aprendizagem dos alunos surdos. São necessárias capacitações para desenvolver suas habilidades, bem como, o aperfeiçoamento e aprimoramento do Intérprete de Língua de Sinais.

Apontando as dificuldades do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula inclusiva, em relação às terminologias, aceitação de sua presença pelos professores, alunos Surdos com pouca Língua de Sinais, metodologias aplicadas não contemplam os alunos Surdos, entre outras que possam encontrar em seu trabalho a frente do aluno Surdo, pois no decorrer do processo de interpretação surgem dificuldades que cercam o seu exercício desta profissão Intérprete de Língua de Sinais nas escolas.

## **1. A INTERPRETAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS: SUA HISTÓRIA, SUAS LEIS E SEUS PROFISSIONAIS**

No decorrer das décadas, Intérprete de Língua de Sinais conceberam suas formações baseada na experiência vivenciada através de familiares de surdos ou por pessoas de comunidades religiosas.

Na atualidade, a participação da comunidade surda na sociedade vem crescendo, e é neste contexto que, na década de 1990, envolvimento e a preocupação com relação à formação mais específica os Intérprete de Língua de Sinais, sobre tudo por parte da Federação Nacional de Educação e Instrução dos Surdos (FENEIS).

Entretanto a FENEIS observando a diversidade no desempenho no ato de interpretar dos Intérpretes de Língua de Sinais, inicia com vários cursos de curta duração para formação dos mesmos.

Segundo o texto do MEC; SEESP, (2004) diz que:

Em vários países há tradutores e intérpretes de língua de sinais. A história da constituição deste profissional se deu a partir de atividades voluntárias que foram sendo valorizadas enquanto atividade laboral na medida em que os surdos foram conquistando o seu exercício de cidadania. A participação de surdos nas discussões sociais representou e representa a chave para a profissionalização dos tradutores e intérpretes de língua de sinais. (p.12).

Foram realizados alguns encontros regionais e/ou nacionais de intérpretes de Libras, nos últimos 20 anos concretizando a troca de experiências e formação sobre aspectos específicos relativos à atuação dos Intérpretes de Língua de Sinais.

É relevante mencionar que os Surdos com o desdobrar dos anos começaram a se organizar politicamente por meio de suas Associações e com o apoio dos Profissionais que atuavam na Educação de Surdos, através de movimentos Surdos, mostraram sua relevância no âmbito nacional.

Posteriormente foi criada a FEBRAPILS – Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guias-Intérpretes de Línguas de Sinais em 22 de setembro de 2008.

E posteriormente aconteceu o reconhecimento internacional, em 23 de Julho, durante o 14º Congresso Mundial da Federação Mundial de Surdos que aconteceu em Montreal no

Canadá, é criada a WASLI<sup>1</sup> – World Association of Sign Language Interpreters (Associação Mundial de Intérpretes de Língua de Sinais).

É notória a participação dos Intérpretes de Língua de Sinais nas questões políticas e na normatização da profissão.

Sob tal enfoque MEC/SEESP, (2004) relata que:

Outro elemento fundamental neste processo é o reconhecimento da língua de sinais em cada país. À medida que a língua de sinais do país passou a ser reconhecida enquanto língua de fato, os surdos passaram a ter garantias de acesso a ela enquanto direito linguístico. Assim, conseqüentemente, as instituições se viram obrigadas a garantir acessibilidade por meio do profissional intérprete de língua de sinais. (p.12).

Aspecto importante a ser considerado é a inclusão de alunos Surdos no ensino regular e como auxiliar no trabalho pedagógico. É um direito do Surdo, ter um intérprete de Língua de Sinais na sala de aula. A função do interprete é, resumido, receber uma mensagem em uma língua e convertê-la em outra. O ato de interpretar é um processo complexo que exige altas habilidades linguísticas, cognitivas e conhecimento técnico.

Existe uma necessidade premente da presença de um Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula. Sabe-se que não é a única solução para o processo de aprendizagem de todos os Surdos, uma vez que não podemos esquecer-nos das necessidades que demandam outras estratégias de apoio em sala de aula, dentre elas podemos citar: reserva de um lugar na frente da sala, iluminação adequada do ambiente para permitir a leitura labial, designação de um aluno voluntário de bom desempenho para auxiliar o aluno Surdo no desenvolvimento de suas atividades, etc.

MENDES (2012) saiu em busca de uma revisão de literatura sobre as incertezas dos papéis desenvolvidos pelos Intérpretes de Língua de Sinais educacionais, e ao reunir dados relevantes sobre os intérpretes analisa a construção deste profissional na lógica da inclusão educacional. No seu artigo apresenta uma comparação do discurso de Intérpretes de Língua de Sinais que atuam no ensino regular e no ensino superior, seu texto traz importantes considerações sobre os diferentes saberes e fazeres.

Nos últimos anos, foram criadas inúmeras leis e recomendações que enfatizaram a regulamentação sobre os aspectos da Língua de Sinais para difundir seu uso e garantir direitos à Comunidade Surda.

---

<sup>1</sup> Foi fundada em 23 de julho de 2003 durante o 14º Congresso Mundial da Federação Mundial dos Surdos em Montreal, Canadá. [1] Seu escritório está localizado na Austrália.

LACERDA e GÓES (2000: 56) enfatizam que, “Quando se insere um intérprete de língua de sinais na sala de aula, abre-se a possibilidade do aluno surdo poder receber a informação escolar em língua de sinais, por meio de uma pessoa com competência nesta língua”.

Esta busca de pesquisa encontra-se os exemplares, “Libras em estudo: tradução/interpretação”, no qual são ensaios teóricos produzidos pelos professores do curso de formação de intérpretes AQUINO, SANTIAGO e NASCIMENTO (2012), abordam sobre a problemática da formação, em um aspecto científico, técnico e político, respectivamente. Os trabalhos de pesquisa dos alunos em formato de artigo científico que encontram disponíveis buscaram responder a questões pertinentes a política, linguística, inclusão educacional de surdos e a práxis do intérprete.

Entretanto, o longo caminho a ser percorrido e os processos a serem construídos devem estar subordinados a um lema central que é a inclusão ser um direito inadaptável e irrenunciável do aluno surdo e uma obrigação da escola e da sociedade em geral.

## **1.1 A FORMAÇÃO DO PROFISSIONAL TRADUTOR E INTÉRPRETE DA LIBRAS**

Ao nos reportar para a História da formação de Tradutor e Intérprete da Libras no Brasil, encontramos relato que acontecia na forma de cursos livres, e na última década, cursos técnicos e superiores de graduação e pós-graduação. Seja qual for o nível de formação, não há dúvida que a necessidade de qualificação contínua é essencial aos Tradutores e Intérprete de Língua de Sinais.

Sendo assim os tradutores e intérpretes da Libras passam a ser parentes próximos e filhos de surdos. Nos anos 80 são encontrados os primeiros registros históricos da atuação dos mesmos, eram inicialmente assistencialistas, efetivada por familiares, e pessoas envolvidas em ministérios eclesiásticos (QUADROS, 2004).

No Brasil, no início da década de oitenta surgiram os primeiros trabalhos de Interpretação em Língua de Sinais desenvolvidos em igrejas, nas familiares e de amizades com Surdos. Neste período, os Intérpretes de Língua de Sinais não tinham o status profissional existentes nos dias atuais, mas muitos daqueles intérpretes que atuavam nesses espaços se tornaram, ao longo dos anos, líderes dos movimentos surdos pelo nosso país e, atualmente, participam do cenário nacional enquanto articuladores em busca da profissionalização desse grupo de profissionais.

Essa reflexão se justifica na medida em que auxiliará na ampliação dos estudos referentes à interação entre os Intérpretes de Língua de Sinais, em sua prática diária a qual resultará em um maior conhecimento sobre essa prática, que requer um planejamento tradutório para uma produção interpretativa com maior sucesso em relação ao assunto a ser traduzido/interpretado.

Nesse particular é oportuno citar Santos quando diz que:

“no ano de 1989 surgiu o primeiro curso de Libras no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, na época sem a legalização da língua e sem apoio das esferas governamentais” (SANTOS, 2012, p. 4).

Assim, o oferecimento e o surgimento de cursos para intérpretes caminham em busca do reconhecimento e da valorização dessa profissão, que necessita de formação específica e de qualidade, anseios que não deixam de estar fortemente entrelaçados com as questões específicas para uma boa formação.

Questões sobre a formação dos tradutores/intérpretes de Língua de Sinais estão incluídas no projeto de lei encaminhado pela Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, em 1996, ao Congresso Nacional. Porém, a lei de Libras 10.432 foi aprovada somente no ano de 2002 e regulamentada em dezembro de 2005 por meio do decreto 5626, bem como a regulamentação da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, só aconteceu em 1º de setembro de 2010, lei nº 12.319.

Como pode ser constatado no Decreto apresentado abaixo;

O Decreto no 5.626, de 2005, não trata de regulamentação profissional”, limitando-se a regulamentar a Lei no 10.436, de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 2000, que estabelece a obrigação de o poder público cuidar da formação de intérpretes de língua de sinais. (BRASIL, 2010).

O Intérprete de Língua de Sinais é assegurado no Decreto nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, na Lei nº 12.319, de 1º de Setembro de 2010 e pela Lei nº 13.146, de 6 de Julho de 2015. De acordo com essas legislações os Tradutores e Intérprete de Língua de Sinais são responsáveis por dar acessibilidade linguística aos alunos surdos da Educação Básica e do Ensino Superior, interpretando da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para a Língua Portuguesa (LP) e vice-versa, os conteúdos tratados no espaço educacional.

As discussões referentes ao papel e à atuação dos intérpretes no espaço educacional ainda são bastante incipientes. Pouco se conhece sobre os desdobramentos daquilo que é feito em sala de aula na perspectiva da educação inclusiva bilíngue para surdos. Além disso, por ser uma profissão nova e, portanto, não haver número suficiente de profissionais formados até o momento, qualquer pessoa que saiba língua de sinais e se disponha ao trabalho acaba sendo considerado, potencialmente, um intérprete educacional, não sendo exigida formação ou qualificação específica, para além do domínio de Libras, nem sempre bem avaliado (LACERDA, 2007; GURGEL, 2009).

A formação dos Tradutores e Intérprete de Língua de Sinais deve ser analisada em seus vários aspectos que estão ancorados em sua atuação profissional como Tradutor e Intérprete da LIBRAS, pois neste processo é necessário conhecer muito mais que os sinais da língua alvo, é necessário conhecer a cultura, as tradições, entre outros aspectos da língua de Sinais.

Neste sentido cabe mencionar Sobral (2005) quando diz que o domínio da língua não é suficiente para a atuação profissional, já que se trata de compreender bem as ideias, pois será a essência do trabalho, para além das palavras que as compõem.

É oportuno dizer ainda que, é essencial desenvolver conhecimentos para além do conteúdo mais direto da mensagem, deve compreender as particularidades dos significados e sentidos, os valores culturais, emocionais e outros envolvidos no texto de origem, e os modos mais adequados de fazer estes mesmos sentidos serem passados para a língua-alvo.

Contemplando os aspectos de formação, Russo (2009) cita que:

A formação dos ILS em nosso país ainda carece de muito estudo e pesquisa para que possa se destacar como uma formação de qualidade. Temos diversas modalidades de cursos oferecidos: pequenos cursos, oficinas, cursos de extensão curso superior de tecnólogo, entre outros, mas ainda não dão conta de toda demanda de nosso país. A promoção de cada um desses cursos é feita de acordo com as necessidades e as condições locais, não sendo na maioria das vezes cursos institucionalizados (RUSSO. 2009 p.16).

Hoje, no Brasil, a formação do intérprete de língua de sinais já tem ocorrido tanto em nível médio quanto por meio de curso superior em formato de Graduação ou Pós-Graduação. Como exemplo de iniciativa governamental do modelo proposto em nível superior citamos o curso de Bacharelado em Letras-Libras, oferecido pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, e o curso de Especialização em LIBRAS: Ensino, Tradução e Interpretação. Entretanto, se pensarmos em escala nacional, esse tipo de curso ainda é muito escasso.

No entanto, percebe-se, no âmbito escolar, que tais direitos não estão sendo garantidos. O Decreto Federal 5.626 de 22 de dezembro de 2005 institui a LIBRAS, como

paradigma educacional da pessoa surda, universalmente reconhecida como imprescindível à evolução integral de seus construtos socioculturais. O Decreto emerge como força de lei, em defesa das novas concepções educacionais relacionadas ao atendimento à diversidade, provocando uma desestabilização do status quo, exigindo, das instituições de ensino, uma reestruturação de sua proposta pedagógica.

## 1.2 LEGISLAÇÃO

Mesmo com todos esses avanços, a Língua de Sinais – Libras, seus usuários (os Surdos) e seus profissionais, ainda são poucos conhecidos e a língua pouco usada entre os ouvintes, pois percebemos este pouco uso nas escolas, mídias e na sociedade em geral. Apesar de seu status ter sido de reconhecimento da língua como meio de comunicação e expressão, ainda não é claro para nossa sociedade a importância de seu uso. Para mudar essa realidade, toda a sociedade necessita tratar a Língua Brasileira de Sinais - Libras como língua oficial da comunidade surda do nosso País, utilizando e procurando aprender mais sobre ela, e assim podendo ter mais clareza na comunicação dentro da nossa sociedade. Pois as leis já estão proferidas, segue algumas delas:

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002 - Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências; DECRETO 5.296 DE 2 DE DEZEMBRO DE 2004 – Regulamenta as Leis Nº10.048 de Novembro de 2000, e dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098 de 19 de Dezembro de 2000 que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade; DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005 – Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000; RESOLUÇÃO Nº4 DE 2 DE OUTUBRO DE 2009 – Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial; LEI Nº12.319 DE 1º DE SETEMBRO DE 2010 – Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS); PROJETO DE RESOLUÇÃO Nº 040/2003 - Tradução simultânea na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – na programação da TV Assembleia e dá outras providências. <https://direitosdosurdos.wordpress.com/legislacao/>, acesso dia 22/02/2018.

Percebe-se que as leis reconhecem que é a língua de sinais a ser utilizada pela Comunidade Surda e a integração dos alunos Surdos no sistema regular de ensino é necessário e imprescindível o reconhecimento do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula.

A presença do intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas da surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas. Se a escola não atentar para a metodologia utilizada e currículo proposto, as práticas acadêmicas podem ser bastante inacessíveis ao aluno surdo, apesar da presença do intérprete. Em situações em que o tema proposto, ou a metodologia eleita seja inadequado ao aluno surdo, o intérprete não soluciona todos os problemas educacionais dos surdos, sendo necessário pensar a educação inclusiva, em qualquer grau de ensino, de maneira ampla e consequente. (LODI ET al., 2002, p. 128).

Entretanto é necessário mais estudo detalhado sobre a legislação e sobre o processo de ensino-aprendizagem destes alunos, para que a inclusão realmente se faça.

De acordo com as discussões de Fernandes em seus trabalhos:

Além disso, para enfrentarmos o desafio da educação inclusiva, no que diz respeito especificamente ao campo da surdez, é fundamental que as secretarias estaduais e municipais de educação reorganizem sua estrutura administrativa, para que haja a presença de intérpretes de língua de sinais em sala de aula, de modo a assegurar ao surdo a possibilidade de, na sua língua, ter acesso ao conhecimento produzido pela humanidade. (FERNANDES, 2005, p. 48).

Os direitos das pessoas Surdas foram criados dar o pleno exercício da cidadania Cidadãos Surdos. Pode-se concluir, portanto, que as leis foram sancionadas para preencher ao máximo as necessidades desta comunidade, ao proporcionar a eles melhores condições para a convivência em sociedade, de forma que os problemas de comunicação causem menos danos na sua convivência na sociedade.

Ao garantir os direitos aos Cidadãos Surdos no que se refere à educação passou e passa por movimentos que acontecem dentro das Comunidades Surdas e buscar informações sobre essa trajetória é importante para entender as conquistas das Comunidades Surdas. No Brasil os movimentos de luta dos Surdos, por uma educação de qualidade sempre foi longa. Uma destas conquistas foi à promulgação da lei 10.436.

### **1.3 POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO**

Os questionamentos relativos à inclusão, não se limitam apenas à escola, mas se estendem a toda à sociedade que, procura através dos direitos da cidadania, espaços sociais que atendam a diversidade. Nessa premissa, a inclusão passa a ser preocupação não somente das políticas públicas, mas de toda a sociedade.

Segundo Simone Mainieri Paulon, em sua publicação do Documento Subsidiário à Política de Inclusão (2005):

A questão se torna complexa quando nos deparamos com a realidade de uma mesma sociedade, que demanda soluções de sustentação e viabilidade para sua própria pluralidade, não é uma sociedade inclusiva. Longe disto, sabemos o quanto instituições criadas para reger o convívio entre os homens tendem a reforçar a discriminação e a criar territórios que classificam e hierarquizam os cidadãos justamente a partir de suas diferenças. As pessoas com deficiência, com síndromes, são historicamente identificadas como páreas sociais em função de um conjunto de igualdades mais ou menos constantes que acabam por definir seu lugar na sociedade: lugar de exclusão. (PAULON, 2005, p.7).

O processo inclusivo na escola não se difere da sociedade em geral, pois procura lidar com a diversidade através de esforços teóricos, políticos, técnicos, contudo, quando não consegue exercer esse direito na íntegra se configura também como espaço excludente selecionando seus alunos com deficiência ou rotulando suas necessidades específicas.

A propósito, STOBÄUS e MOSQUERA (2003, p.27), assinalam que, apesar de um conhecimento ter-se constituído;

A inclusão é uma possibilidade que se abre para o aperfeiçoamento da Educação Escolar e para o benefício de todos os alunos, com e sem deficiência. Depende, contudo, de uma disponibilidade interna para enfrentar as inovações e essa condição não é comum aos sistemas educacionais e aos professores em geral.

A inclusão do aluno com deficiência no espaço escolar tem sido tarefa apenas do professor que, sem preparo ou sem estrutura adequada necessita de auxílio de uma equipe. Neste caso, a equipe de auxílio oferece atendimento apenas ao aluno com deficiência, rotulando-o, excluindo-o, colocando-o a parte ou inserindo-o em escolas especiais.

Uma proposta baseada em tal concepção caminha na contramão do processo de inclusão já que coloca uma divisão entre os alunos, sublinhando aqueles que necessitam da intervenção de uma equipe e aqueles que não a necessitam. Fazer com que alguns alunos fiquem “marcados” como problemáticos e como únicos casos que demandam apoio da equipe só contribuem para que sua dificuldade de inserção no grupo se acentue. É preciso considerar não só o aluno a ser incluído, mas também o grupo do qual ele participará. (PAULON, 2005, p.10).

A inclusão no ensino regular e a trajetória do aluno Surdo, articular ação e deliberar estratégias, que precisam ser viabilizadas no processo de inclusão educacional nestas instituições.

Segundo Sasaki (1999) "O direito à inclusão começa a ser um valor assumido por um número crescente de cidadãos e instituições sociais numa linha de defesa de direitos e valores fundamentais inerentes à condição humana". (SASSAKI 1999, p.33).

As escolas especiais não substituem a escola comum, uma vez que não ensinam conteúdos da base curricular nacional, porém complementam-na ajudando ao aluno com deficiência a ser capaz de aprender estes conteúdos quando incluído na escola comum.

Pensando as escolas especiais, como suporte ao processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais na escola regular comum, a coordenação entre os serviços de educação, saúde e assistência social aparece como essencial, apontando, nesse sentido, a possibilidade das escolas especiais funcionarem como centros de apoio e formação para a escola regular, facilitando a inclusão dos alunos nas classes comuns ou mesmo a frequência concomitante nos dois lugares. (PAULON, 2005, p.10).

A Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB Nº 9.394/96) afirma em seu Art. 58. “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 2017a).

Todavia esse direito deve não somente assegurar a inclusão, mas a permanência e a continuidade desses estudos até o nível superior, garantindo meios e recursos para isso.

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146 de 06 de Julho de 2015) vem ressaltar a aplicabilidade do direito da inclusão na educação, sobretudo ao dever do poder público.

Segundo Montoan (1997), “a inclusão causa uma mudança de perspectiva educacional, pois não se limita a ajudar somente os alunos que apresentam dificuldades na escola, mas apoia a todos: professores, alunos, pessoal administrativo, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral”. (MONTTOAN. 1997, p.145)

Sabendo de todos esses direitos, cabe à escola como um todo o procura por meios e subsídios para a implementação do processo de inclusão. Todavia, há de se levar em conta os recursos de fato oferecidos pelo sistema, pois não basta criar a Lei, mas possibilitá-la.

Segundo Mantoan (2006) no sistema atual ocorre uma confusão de papéis, onde a escola especial está perdendo o foco de sua função, ora disponibilizando profissionais para orientar o professor da escola comum, ora dando aulas de conteúdos da escola comum.

Tanto as escolas especiais quanto as comuns precisam se reorganizar e melhorar o atendimento que dispensam a seus alunos. [...] Ambas precisam sair do comodismo em que se encontram, e a inclusão, especialmente quando se trata de alunos com deficiência, é o grande mote para empreender a reviravolta (MANTOAN, 2006, p. 27).

Contudo, para que se confirme um processo de mudança tanto para a escola comum quanto para a escola especial é preciso uma ruptura com o modelo antigo de escola. Para que a inclusão ocorra de fato é necessária uma reestruturação das escolas, além de uma pedagogia voltada para as necessidades de cada aluno. É preciso uma escola que reconheça e combata as diferenças.

## **2. O INTERPRETE DE LIBRAS E SUA IMPORTANCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

Considerando que muitas vezes, a interpretação pode ser interrompida pelo surdo, por falta de conhecimento e uso da língua de sinais. No entanto, percebe-se, no ato da interpretação, que este adquire a compreensão sobre o assunto, a partir do conhecimento que o intérprete possui sobre o que está sendo interpretado naquele momento.

Compreende-se assim a importância que o intérprete adquira um conhecimento prévio do que será explanado em sala de aula no qual lhe permita uma interpretação clara e segura proporcionando assim uma compreensão por parte do aluno Surdo durante a interpretação dos conteúdos aplicados em sala de aula.

### **2.1 O INTÉRPRETE DE LIBRAS NO CONTEXTO EDUCACIONAL**

O Intérprete de Língua de Sinais no contexto educacional há alguns anos está em evidência nas salas de aula inclusiva e conquistando relações entre professores e alunos em vários espaços, através da seguridade garantida pela a lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e posteriormente com a Lei de 1º de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, conforme artigo 17 da Lei nº 10.436.

A formação do Intérprete de Língua de Sinais deve se efetivar através de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa, conforme artigo 18 da Lei nº 10.436 do ano de 2002, como consta no texto da lei; Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de: I - cursos de educação



Com a presença do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula, os professores têm a oportunidade de visualizar os alunos surdos, respeitando suas especificidades de língua e dificuldades, valorizando sua forma de agir, de pensar e de resolver os conflitos. Sob tal enfoque, garantir a aprendizagem a todos seus alunos, inovando suas práticas pedagógicas. São, portanto, estas inovações que possibilitarão uma melhor aprendizagem, alcançando seus objetivos ao que se refere ao processo ensino aprendizagem de todos os seus alunos, além de estar se aperfeiçoando, constantemente, como profissional.

É oportuno lembrar que para Masutti (2007) o trabalho do Intérprete de Língua de Sinais fundamenta-se na incansável e dinâmica busca pela equivalência entre o que se organiza como material visual (línguas de sinais) e o que se organiza como material fonético (línguas orais).

No processo de inclusão escolar dos alunos Surdos, o Intérprete de Língua de Sinais pode ser visto como mediador da comunicação para a efetivação do processo ensino aprendizagem dos alunos surdos, sendo que o intérprete deve ter conhecimentos específicos da área de sua atuação, bem como, competência para realizar interpretação e sua atuação deve seguir o rigor da ética profissional.

## **2.2 DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA INTERPRETAÇÃO EM SALA DE AULA**

Atualmente os maiores desafios que encontramos na educação nacional se refere ao crescente número de escolas com a inclusão de alunos surdos no ensino regular. A finalidade dessa missão requer muito mais do que a inclusão do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula, pois somente esta ação isolada não assegura ao aluno surdo um efetivo aprendizado dos conteúdos ensinados, no processo de escolarização. Nesse contexto, a particularidade do aluno surdo que faz uso da LIBRAS como língua materna, sendo esta seu principal meio de reflexão e expressão.

O Intérprete de Língua de Sinais enfrenta desafios para atuar na inclusão, pois as barreiras com os outros professores ou outros profissionais dentro das escolas dificultam esta inclusão, pois muitos não têm a compreensão do papel de um interprete dentro da escola, visto que nosso trabalho não é de ensinar e sim de facilitar uma comunicação. Para um bom trabalho interpretativo acontecer é preciso de um preparo antecipado é preciso saber os conteúdos que os professores vão passar para que assim possamos pesquisar sinais, temas,

também uma conversa com professores e esclarecimento de adaptações como filmes com legenda para que o aluno surdo tenha uma compreensão mais clara dos conteúdos.

Muitas indagações são levantadas no que concerne o trabalho em sala de aula dos Intérpretes de Língua de Sinais, tanto no que se refere às melhorias na educação para alunos surdos, bem como relativo à própria presença do Intérprete de Libras quanto às dificuldades e aos desafios a serem conquistados a fim de melhorar a inclusão dos alunos surdos, e, também, a profissionalização do Intérprete educacional, são constatados em diversas escolas que possuem salas de aulas inclusivas.

O Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula tem sua função focada em mediar à comunicação entre duas línguas presente no mesmo ambiente, possibilitando interação de ideias entre alunos ouvintes, alunos surdos e professores, fazendo acontecer à comunicação entre duas culturas distintas.

Parece, portanto, oportuno reproduzir aqui pequeno texto de Lacerda (2012);

O mais importante é focalizar que a formação fundamental para o tradutor/interprete vai além do conhecimento das línguas, que deve ser uma formação plural e interdisciplinar, visando a seu transito na polissemia das línguas, nas esferas de significação e nas possibilidades de atuação frente á difícil tarefa da tradução/interpretação. (LACERDA. 2012, p.25).

Intérprete de Língua de Sinais, em contato com o surdo precisa transmitir todas as informações que estão sendo discutidas. Essa condição vai marcar um momento de elaboração, ou seja, o modo como ele irá organizar todas as informações com base nas suas competências para poder transmiti-las na língua alvo.

Considerando as dificuldades de comunicação entre ouvintes e surdos em sala de aula, várias problemáticas podem ser ressaltadas nesses ambientes envolvendo a educação de surdos.

No entanto para sanar ou ao menos amenizar essas dificuldades seria necessário à desconstrução e em seguida uma reconstrução de paradigmas, que atualmente alguns profissionais da educação ainda não aceitam, por estarem consolidados nas culturas tradicionais e por ainda serem preconceituosas suas atitudes em sala de aula para com presença da intérprete e o aluno surdo.

### **3. METODOLOGIA DA PESQUISA**

O presente trabalho é fruto de experiências desta autora durante sua formação acadêmica em conjunto a pesquisa. O presente trabalho foi realizado através de constantes leituras acerca do processo de inclusão do aluno Surdo nas instituições que atuam com o Ensino Médio do ensino regular, com o apoio de autores referidos ao tema, auxílio de pesquisas bibliográficas, webs gráficas, e-books e com a significativa experiência em três estágios obrigatórios, além de muitas leituras a respeito do assunto.

No decorrer do planejamento deste trabalho de graduação, tentei declarar as experiências vividas nos estágios relacionados ao tema por mim escolhido, tendo como base referencial teórica para melhor fundamentar a pesquisa. Em relação à metodologia, o tema foi abordado através da utilização do método dedutivo.

#### **3.1 OBJETIVOS DA PESQUISA**

Investigar os dilemas e problemas recorrentes na atuação de Intérprete de Língua de Sinais no contexto educacional. Acredita-se que os problemas mais recorrentes para as dificuldades de interpretação em sala de aula são decorrentes de muito ruído no ambiente, pouca capacitação da interprete, o não conhecimento dos conteúdos que são aplicados pelos professores e o aluno não ser usuário fluente da língua de sinais, ou seja, não sabe Libras. Considerando a natureza desses problemas, podem-se sugerir cursos de capacitação, solicitar os conteúdos com antecedência criando a caixa de interpretação, onde os professores deixarão os conteúdos de uma semana para outra ou de uma aula para outra.

#### **3.2 COLETAS DOS DADOS**

A coleta de dados dá-se por meio da observação de uma escola da rede estadual de educação de Santa Catarina, da cidade de Florianópolis, em uma turma de quarenta alunos ouvintes do ensino médio, em que há um aluno surdo e um intérprete de Libras. As observações aconteceram uma vez por semana no decorrer de um mês (novembro 2017), no qual foi observado o comportamento dos alunos ouvintes e professores regentes com relação à presença do aluno Surdo e Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula, bem como o cotidiano

dos mesmos e quais as dificuldades e conhecimento sobre a Libras em sala de aula. Com relação à observação do Interpretador foram analisadas as dificuldades de interpretação, sua formação e sua opinião sobre a inclusão dos alunos surdos no ensino regular. E com o aluno Surdo, buscou-se informações sobre suas dificuldades em seu processo de ensino-aprendizagem e seu conhecimento da Libras.

### **3.3 INFORMANTES DA PESQUISA**

A pesquisa aplicada foi de caráter qualitativo do tipo analítico-descritivo, sendo de natureza aplicada, relacionados aos Intérpretes de Língua de Sinais atuantes no contexto educacional em escolas com Alunos Surdos inseridos no Ensino Médio do ensino regular e pode contribuir com a educação de Alunos Surdos e com a atuação do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula.

## **4. INTERPRETAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA**

Para constituir essa amostra, foi observada, uma escola da rede estadual de educação, da cidade de Florianópolis SC, em uma turma do Ensino Médio, com quarenta alunos ouvintes em que havia aluno surdo e o um intérprete.

Os dados foram registrados e transcritos a partir da observação feita pela pesquisadora. Na interação entre o surdo e o intérprete, observou-se uma sequência de termos desconhecidos pelo surdo e como o intérprete interagiu para sanar essas dificuldades.

Foi aplicado questionário em anexo com questões para os professores, com a finalidade de investigar o seu desempenho escolar.

O primeiro questionário a ser analisado foi os dos professores, que se apresentam algumas unidades de registros significativos, que poderão advir dos registros de observação, bem como as entrevistas.

A primeira pergunta foi à identificação e formação dos professores, sendo um masculino e dois femininos, os três professores são formados em cursos diferentes sendo estes: Matemática, Filosofia e Química que aceitaram responder o receptivo questionário, conforme nos mostra a tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>FORMAÇÃO</b>
P1	Química
P2	Matemática
P3	Filosofia

Fonte: A Autora (2018)

Percebe-se que mesmo com os professores da amostra de pesquisa possuíam formação em suas áreas, não receberam informações sobre o ensino com alunos de inclusão em suas salas de aulas, pois suas formações são recentes já deveria estar acontecendo à disciplina de Educação especial nas graduações conforme solicita algumas leis já tratadas nesse trabalho.

Na segunda pergunta foi de ordem mais prática: Você sente dificuldades para ensinar o aluno surdo? Se sim, quais? Os três professores foram unânimes em afirmar que não saber Libras dificulta muito o ensino dos conteúdos, a adaptação de materiais é muito difícil, transmitir os conteúdos também foi citado como barreira de comunicação entre eles e os alunos Surdos. Como esta evidenciada as respostas individuais na tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
P1	Sim transmitir as informações e a falta de conhecimento em libras;
P2	Sim, dificuldade na comunicação;
P3	Sim, minha limitação no conhecimento de Libras, bem como a dificuldade em adaptar o conteúdo. O número de alunos por turma, dificulta a atenção individualizada;

Fonte: A Autora (2018)

Discute-se muito sobre o reconhecimento linguístico da LIBRAS Língua Brasileira de Sinais e sobre a obrigatoriedade da inclusão dessa língua como disciplina curricular nos cursos de graduação e pós-graduação, sendo estas discussões relevantes e pertinentes no campo educacional, devendo ser garantidas, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o seu uso e difusão na formação de todos os profissionais da educação ou não.

Ao questionar se o aluno Surdo apresenta dificuldades em seu processo de escolarização? Se sim, quais? Novamente foram unânimes em afirmar que sim e as razões foram: alfabetização tardia, sistema inadequado, falta do profissional Intérprete de Libras em sala de aula, baixo nível de aprendizado dos alunos Surdos, estes fatos podemos encontrar em outras escolas não pesquisadas, mas citadas por professores que atuam em mais de uma escola estadual para completar sua carga horária semanal. Como no mostra a tabela seguinte.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
P1	Sim, penso que as dificuldades estão no próprio sistema educacional;
P2	Sim, os alunos geralmente demoram mais para se alfabetizar o que ocasiona um atraso escolar;
P3	Sim, a falta de entendimento devido à falha na alfabetização e muitas vezes a falta de professores interpretes;

Fonte: A Autora (2018)

Ao indagar, através da pergunta: você acha que existe a necessidade de alguma adaptação curricular para os alunos surdos? Se sim, ela é feita? Dois professores responderam que sim, mas muito pouco é feito. O terceiro, entretanto respondeu que não, pois os alunos Surdos deveriam ser alfabetizados em Libras e no Português escrito e contar sempre com a presença do profissional Intérprete de Língua de Sinais, porém percebe-se que o mesmo desconhece a realidade que vive os alunos Surdos no ensino regular em nossas escolas, com a falta profissional habilitada para atuarem na educação de Surdos, assim tornando muito difícil a inclusão acontecer de fato.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
P1	Sim, porem não é feita;
P2	Sim, é feita na medida do possível, com dificuldades;
P3	Não, o aluno deveria ser alfabetizado em Libras e no português escrito e contar sempre com um professor interprete;

Fonte: A Autora (2018)

Já na última pergunta para os professores foi com relação à inclusão: Qual a sua opinião em relação à inclusão dos alunos surdos no ensino regular? Todos os professores afirmaram que a Inclusão é falha, por despreparo dos profissionais da educação, e por ser direto de todos terem uma educação de qualidade e atualmente isso não acontece, pois precisa de maior atenção e investimento por parte do governo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
P1	Acredito que a inclusão é falha, não somente por ter ou não a presença do professor interprete e sim o despreparo dos professores interprete e o respeito de colegas de turma.
P2	Minha opinião em relação à inclusão dos alunos surdos no ensino regular é a de que é extremamente necessária, porem precisa de maior atenção e investimento;
P3	A inclusão favorece a todos. É direito de qualquer pessoa frequentar o ensino regular;

Fonte: A Autora (2018)

Constata-se que os professores encontram-se despreparos para atuarem com os alunos Surdos, não adotam metodologias contextualizadas com a realidade dos alunos Surdos e estas dificuldades estão associadas o processo que tenta facilitar a inclusão destes alunos.

É oportuno mencionar Lacerda, (2011), a ausência de uma língua comum entre ouvintes e surdos traz dificuldades para o aluno surdo conseguir se desempenhar e participar da aula, já que não consegue se relacionar diretamente com o professor.

No decorrer das observações ficaram evidenciados que professores culpam o sistema, os despreparos dos interpretes, porem não citaram os próprios despreparos e a sua falta de interesse em aprender a Libras, sempre alegando que sua carga horaria é cheia, que os cursos são caros, e até mesmo que aprender Libras não é para os professores regentes e sim para os intérpretes de Libras.

A inclusão escolar de alunos surdos vem sendo discutido e tem gerado alguns conflitos de opiniões. Tem-se uma visão de que a inclusão educacional não permite a participação efetiva dos intérpretes de Libras em sala de aula, bem como dos alunos surdos.

O segundo questionário a ser analisado será os dos Intérpretes que atuam em sala de aula do ensino, iniciou-se com a identificação e formação dos professores, sendo um masculino e dois femininos, uma intérprete de Libras já é formada em Pedagogia, mas esta cursando o Curso do Letras/Libras, e a outra Intérprete de Libras é formada em administração e pós-graduada em Operações e Logística cursando o Curso do Letras/Libras e o terceiro intérprete de Libras ainda não esta formado, estes foram os que aceitaram responder o receptivo questionário, conforme nos mostra a tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IT 1	Formada em Pedagogia, cursando Letras Libras;
IT 2	Formada em administração e pós-graduada em Operações e Logística cursando Letras/Libras;
IT 3	Ensino Superior – incompleto;

Fonte: A Autora (2018)

O artigo 17 do Decreto nº 5.626/05 afirma que a formação deste profissional deve ser realizada através de curso superior de tradução e interpretação, com habilitação Libras/língua portuguesa. Sendo assim, a formação deste profissional se constitui através da atividade prática, conhecimento empírico e cursos de formação continuada.

Conforme estabelece o Decreto, 5626 como disciplina curricular, o processo de inclusão da LIBRAS deve ser introduzido a partir dos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia, e Letras.

A pergunta seguinte foi: Considerando o processo de inclusão do aluno Surdo em sua sala de aula, quais as suas dificuldades para interpretar? Os três profissionais foram de comum acordo que a inclusão de alunos Surdos no ensino regular esta longe do ideal, pois as

dificuldades em terem acesso os conteúdos programático dos professores, pelos alunos Surdos não estarem alfabetizados em sua língua materna, assim não possuindo fluência e conhecimento de língua, não compreendendo o que lhe é sinalizado em Libras. Veja as opiniões dos interpretes da pesquisa, na tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IT 1	Às vezes o aluno chega com defasagem de conhecimento, outra vezes não possui fluência em Libras;
IT 2	A falta de acesso ao conteúdo aplicado pelos professores, à falta de apoio e recursos aos interpretes de Libras na escola;
IT 3	As maiores dificuldades são de interpretar é fazer uma interpretação onde o aluno surdo não acompanha o conteúdos;

Fonte: A Autora (2018)

O atual discurso que as escolas enfrentam são as propostas inclusivas que devem reconhecer e responder às diversas dificuldades de seus alunos, acomodando os diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade para todos mediante currículos apropriados, modificações organizações, estratégias de ensino, recursos e parcerias com as comunidades. A inclusão exige das escolas uma pedagogia revolucionaria com esforços para que de fato as atualizações e reestruturações das condições atuais da educação de surdos, para que o ensino se modernize e para que os Interpretes de Língua de Sinais se aperfeiçoem, adequando às ações pedagógicas à diversidade dos alunos surdos.

A terceira pergunta foi relacionada à opinião em relação à inclusão dos alunos surdos no ensino regular? Todos os sujeitos da pesquisa afirmaram que a inclusão não acontecer, não é o ideal, pois somente o Interpretes de Língua de Sinais não garante o desenvolvimento e o aprendizados dos alunos Surdos.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IT 1	Não concordo com a inclusão, pois nenhuma inclusão é de fato inclusão e sim uma exclusão;
IT 2	Que ainda esta distante do ideal, por somente colocar um interprete não é garanta de acessibilidade, que vai muito, além disso;
IT 3	Não há inclusão;

Fonte: A Autora (2018)

Pode-se considerar, portanto, que o sucesso da inclusão escolar vai depender do trabalho pedagógico dos professores regentes em conjunto com os Interpretes de Língua de Sinais realizarem, pois eles devem ser qualificados para responderem as necessidades diferenciadas de seus alunos surdos e ouvintes, para propor situações de ensino aprendizagem satisfatória para todos.

A pergunta seguinte diz a respeito ao relacionamento: Qual a sua opinião sobre o relacionamento entre os alunos surdos x alunos ouvintes na sala? Todos os entrevistados consideram bem limitados pela dificuldade de comunicação e a escola pouco oferece atividades de inclusão ou o ensino de Libras nas salas de aulas com alunos Surdos. Conforme esta descrita na tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IT 1	Se não há uma intersessão por parte do escolar, proporcionando o ensino de libras, este relacionamento ficará restrito a sala de aula de forma limitada.
IT 2	Se houver uma comunicação plena, acho perfeito;
IT 3	Difícil pela barreira linguística;

Fonte: A Autora (2018)

Ao observar o trabalho do Interpretes de Língua de Sinais em sala de aula, verifica-se que os ILS, assumem uma série de funções, tais como: ensinar língua de sinais, atender a demandas pessoais dos alunos surdos, pois na maioria das salas mistas havia de três a cinco alunos surdos matriculados, cuidados com aparelho auditivo, atuar frente ao comportamento, estabelecer uma posição adequada em sala de aula em relação a alunos surdos e ouvintes, atuar como educador frente a dificuldades de aprendizagem dos mesmos.

Ao serem questionados se sentem preparados para atuarem como Intérprete de Língua de Sinais? Um dos Interpretes de Língua de Sinais respondeu que não se sente preparado pelo fato dos cursos ensinarem somente o básico e nas práticas é bem diferente e desafiador. Já o segundo profissional respondeu que depende do contexto que ira atuar, pois só tem experiência na área educacional, se fosse atuar em outras áreas, sentiria muitas dificuldades de uso lexical específico a cada área de atuação. Entretanto o terceiro profissional alegou que sempre procura se preparar pesquisando sinais para utilizar de maneira adequada em suas interpretações. Como nos mostra a tabela logo abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IT 1	Não pelo motivo do curso me favorecer apenas um geral da área de interpretação;
IT 2	Depende do contexto, área de atuação, por exemplo, se for à área medica e jurídico não estaria preparada;
IT 3	Preparadas sempre tentaram estar, pois estudo bastante e faço pesquisas aleatórias para abranger meu conhecimento;

Fonte: A Autora (2018)

É notável no decorrer das observações e entrevistas que os Interpretes de Língua de Sinais entendem como sua responsabilidade: interpretar em língua de sinais/língua oral para

professores, alunos ouvintes e alunos Surdos, considerando ser esta sua função mais importante; reconhecer que seu estilo de interpretar e de passar informações podendo favorecer ou não; dar aos professores regentes das turmas mistas informações sobre progressos e dificuldades dos alunos.

Indagou-se sobre: Quais as dificuldades que você encontra no momento que esta interpretando uma aula? As respostas foram unânimes em citarem a falta de antecedência dos materiais utilizados em sala de aula para a preparação das escolhas linguística a serem utilizadas. Como nos mostra a tabela logo abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IT 1	Acervo ao material, conteúdo, previamente para elaborar estratégia e melhorar a atuação;
IT 2	Às vezes acontece de estar em um contexto não tão conhecido e estudado na área se tornando complexo;
IT 3	Material não fornecido com antecedência atrapalha muito na interpretação;

Fonte: A Autora (2018)

Frente a esta problemática, ganham significado às afirmações dos Interpretes de Língua de Sinais de que suas práticas são fundamentadas na experiência cotidiana. E ainda, que, o aprendizado na área da interpretação seja mediado pelas vivências pessoais de cada profissional. A falta de incentivo pela busca permanente de sua formação e associada à existência de práticas na interpretação individualizada proporcionando grandes prejuízos das ações e elaboração dos saberes compartilhado. Diante deste contexto, os ILS reconhecem atitudes de resistências ao trabalho em salas mistas.

Assim a ultima pergunta dirigida aos interpretes foi: Quais foram às capacitações para desenvolver suas habilidades, bem como, o aperfeiçoamento e aprimoramento do Intérprete de Língua de Sinais, que você realizou? Todos frequentaram cursos de Libras oferecidos pelas escolas, associações entre outros locais. Dois profissionais são alunos do curso do Letras/Libras da UFSC, no qual estão tendo disciplinas correlacionadas ao ato de interpretação, assim adquirindo concepções de melhoria para sua atuação como intérprete. Como nos mostra a tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
IT 1	Contato com a comunidade surda, cursos de capacitação, eventos e troca de experiência;
IT 2	Estudei a Libras numa escola publica em são Paulo e após entrei no Letras Libras na UFSC;
IT 3	Estudar conteúdos com materiais paralelos;

Fonte: A Autora (2018)

Como a atuação em contexto de ensino é o maior campo de prática de intérpretes de Libras, tais questões são fundamentais a serem pensadas para que os novos profissionais intérpretes sejam mais bem preparados e que os professores regentes aceitem a parceria entre eles no processo de ensino aprendizagem dos alunos surdos incluídos em sala de aula do ensino regular. Ainda, que os profissionais intérpretes de Libras se coloquem em constantes desafios nesse contexto de atuação e que se aventurem a fazer o novo dentro das possibilidades reais de sua atuação.

Observa-se, de forma geral, um despreparo de todos no convívio educacional, pois seus afazeres pedagógicos não possibilitam aos alunos estímulos para desenvolverem seus conhecimentos científicos e por isso enfrentam problemas que poderiam ser evitados, com planejamento comum anterior, oferecimento do material a ser trabalhado em sala ao intérprete com antecedência, conhecimento do professor sobre as necessidades e possibilidades dos estudantes surdos, para ações pedagógicas mais adequadas.

A terceira parte da entrevista foi realizada com os três alunos Surdos que estudam na escola escolhida, foram um masculino e dois femininos que responderam, e todos utilizam a Libras como forma de comunicação principal. Veja as opiniões dos alunos surdos da pesquisa, nas tabelas abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AS 1	Libras;
AS 2	Libras;
AS 3	Comunicação Total;

Fonte: A Autora (2018)

Na pergunta você conhece e sabe usar a libras? Aprendeu com que idade a Língua de Sinais (teve contato com a Libras)? Dois alunos não são fluentes em Libras, pois tiveram contato tardio com a língua um aos 17 e o outro aos 23 anos, já o iniciou o contato com a língua bem antes aos 9 anos, tendo uma boa compreensão do que lhe é sinalizado em sala de aula. Como podemos observar na tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AS 1	Não sou fluente, mas sei usar Libras. Aprende básico alfabeto manual aos 17 anos;
AS 2	Eu aprendo Libras tinha 9 meses e sou fluente Libras;
AS 3	Sim, ambos aprendem aos 23 anos.

Fonte: A Autora (2018)

Na terceira pergunta, você sente dificuldades para aprender juntos com os alunos ouvintes? Quais? Todos responderam que sim, pois a principal comunicação deve ser em Libras e isso não acontece; “ouvinte não sabe Libras” fala de um deles. O outro relatou os ruídos de sala de aula que o atrapalha na compreensão do que acontece em sua volta. Como podemos observar na tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AS 1	Não, mas caso o aluno ouvinte não sabe como sinalizar, eu peço para ele/a falar, pois faço leitura labial e depois ajudo a sinalizar caso eu sei.
AS 2	É principal comunicação com os alunos ouvintes;
AS 3	Sim, dificuldade de compreensão e ruído de comunicação, a dificuldade é mais de ouvir e não falta de entendimento do português.

Fonte: A Autora (2018)

A quarta pergunta, você acha que existe a necessidade de alguma adaptação curricular para você aprender melhor? Se sim, ela é feita? Quais? Todos concordaram que sim, há necessidade de legenda nos vídeos (filmes) professor não falar andando em sala, adaptação com recursos bilíngues, mais imagens para melhora identificar do que se trata a aula e “isso nunca acontece, dificuldade nosso aprendizado” – fala do aluno. Como podemos observar na tabela abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AS 1	Sim, poderiam disponibilizar mais aulas de conversação;
AS 2	Sim, tem adaptação em bilíngue, alunos surdos e alunos ouvintes usar Libras são melhor para trocar opinião;
AS 3	Sim, legendas ou Libras nos vídeos, professor não andar em sala de aula (leitura labial) e apoio da interprete comunicação total;

Fonte: A Autora (2018)

A quinta pergunta, você acha que a presença do Intérprete de Língua de Sinais importante no seu processo de escolarização? Por quê? Todos responderam que sim a presença do Interprete é de extrema necessidade para que eles recebam as informações do modo geral do que acontece no mundo.

IDENTIFICAÇÃO	RESPOSTAS
AS 1	Com toda certeza, pois nos ajuda a superar as nossas dificuldades e é um apoio;
AS 2	Sim, no meu caso como tenho pouca audição se eu não entendo o que o professor fala ou não consigo fazer a leitura labial, ai uso Libras ajuda bastante;
AS 3	Sim, porque os alunos surdos podem receber todas as informações. Também não fica perdido nas informações importante;

Fonte: A Autora (2018)

Esta pergunta foi bem interessante em virtude que pude perceber as angústias em seus olhos se encheram de lagrimas ao relatarem suas experiências na vida escolar, mas para escrever foi difícil e encontramos as seguintes frases, que aqui transcrevo:

Isolamento referente à turma, que na maioria das vezes, são preconceituosos. Muito raro professor com preconceito. O que eu observo é a falta de informação desses profissionais. Sinto falta da presença do interprete de Libras em congressos, palestras, seminários e cursos. Não temos na maioria das vezes.  
C.E.C. – 23 anos.

Fonte: A Autora (2018)

Eu já sofri preconceitos por ser Surdo varias vezes tenho dificuldades participar grupo em atividade e me sinto solitário. G.J.S.R. – 9 anos.

Fonte: A Autora (2018)

Sim, estudei numa escola normal (inclusão) naquela época eu não tinha interprete e eu pouco sabia conhecer a Libras meu maior contato com a Libras foi aqui na UFSC - C.J.C. – 17 anos.

Fonte: A Autora (2018)

Percebe-se que o aluno surdo que chega ao ensino regular, muitas vezes, tem domínio limitado da Libras e um pleno desconhecimento do léxico da língua portuguesa com equivalência a série na qual está estudando. Contudo mesmo com a presença do Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula, nem tudo é interpretado, ou seja, sinalizado em Libras, é compreendido pelo aluno surdo, causando problemas no espaço educacional.

A quarta parte da entrevista foi realizada com os três alunos ouvintes, foram dois masculino e um feminino que responderam, e todos utilizam a Libras como forma de comunicação principal. Veja as opiniões dos alunos ouvintes da pesquisa, nas tabelas abaixo.

Iniciou-se com a pergunta aos alunos ouvintes da pesquisa, sobre o que eles sabiam sobre surdez, e em suas respostas os três alunos ouvintes demonstraram conhecimento sobre a surdez, relatando que pode ser problemas em ouvir, causado por acidentes ou genético, problema de interpretação oral, porque não ouvem o que me surpreendeu a colocação desse aluno, e os outros dois relataram os problemas de comunicação, de não poder ouvir as falas, musicas, alegando que se não ouvir não pode pronunciar as palavras, e que isso é muito ruim, mostrando um pouco menos de conhecimento sobre o assunto. De acordo com a tabela abaixo podemos analisar os relatos.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AO 1	A surdez pode ser genética ou causada por algum acidente, os surdos tem uma maior dificuldade de interpretação e de aprender;
AO 2	Sei sobre a dificuldade de pessoas com esta deficiência tem com a interpretação;
AO 3	É algo muito ruim para uma pessoa que tem esse problema, imagina você não ouvir algo, uma palavra, uma musica ou alguém falar. Sem falar se você não ouvir não consegui pronunciar as palavras;

Fonte: A Autora (2018)

Para o próximo questionamento indagou-se sobre conhecer, saber, usar, e como aprende a Libras, as respostas surpreenderam.

Os três alunos ouvintes da pesquisa mencionaram que conhece a Libras, porem não sabem usar e somente um mencionou que sabe um sinal ou outro por causa da professora em sala de aula.

Ao analisar as respostas, fica claro que mesmos com toda divulgação da Libras, no ambiente escolar e com a presença da Intérprete de Língua de Sinais em sala de aula a inclusão essencial não acontece, pois os alunos não sabem e não usam Libras no ambiente inclusivo de sala de aula. De acordo com a tabela abaixo, podemos analisar os relatos.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AO 1	Eu conheço a Libras, mas não sei usar;
AO 2	Conheço, mas não sei usar;
AO 3	Alguns sinais sim, professora que na sala de aula no ensino fundamental e médio;

Fonte: A Autora (2018)

Na sequencia a pergunta foi: você sente dificuldades para aprender junto com os alunos Surdos? Quais? As respostas foram pontuais em dizerem “não” sentem dificuldades, porem, uma das respostas chamou-me a atenção, pois o aluno se referiu como sendo matéria adaptada em sala de aula, conforme descrita abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AO 1	Não; de uma forma acaba ajudando, pois o professor explica de uma forma mais clara para a aluna surda e acaba facilitando para os outros alunos;
AO 2	Não, porque para o aluno é matéria adaptada e não existe problema para adaptar os outros alunos;
AO 3	Não;

Fonte: A Autora (2018)

Novamente percebe-se nos relatos dos alunos ouvintes a desinformação sobre o aluno surdo, a Intérprete de Língua de Sinais, sendo necessário repensar as ações que são desenvolvidas no ambiente educacional, apesar de já alguns anos a inclusão dos mesmos vem acontecendo, mas de forma precária e com grande desinteresse da sociedade.

A próxima pergunta foi: você acha que existe a necessidade de alguma adaptação curricular para seu amigo Surdo aprender junto com você? As resposta foram unânimes em dizer que sim, a adaptação é necessária para ajudar os alunos surdos a compreenderem os conteúdos igualmente a todos, como nos mostra os relatos abaixo.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AO 1	Sim, pois eles têm uma dificuldade maior de aprender;
AO 2	Sim para que eles tenham o conhecimento sobre os conteúdos tanto quanto nós;
AO 3	Sim, porque com a adaptação será um pouco mais fácil ele aprender e compreender as matérias;

Fonte: A Autora (2018)

Ao perguntar sobre a presença do Intérprete de Língua de Sinais na sua sala de aula, todos ressaltaram a importância do interprete de Libras em sala de aula, para auxiliar os alunos surdos, que estão inseridos no ensino regular. Constatado nos relatos abaixo descritos.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AO 1	A presença do interprete é muito importante, pois ele ajuda o aluno surdo e os demais alunos além de fazer com que eles se comportem;
AO 2	Acho importante, pois sabemos que a forma de como essas pessoas é um tanto quanto diferente da nossa;
AO 3	Óbvio, como um aluno surdo e mudo conseguira ouvir ou falar em sala de aula, sem a ajudar seria impossível o aluno com esse problema aprender;

Fonte: A Autora (2018)

Pode-se observar através das respostas, de como a inclusão acontece na forma de exclusão ou como cita Quadros “ambiente desfavorável”.

Há indícios importantes de que o atual contexto escolar é desfavorável ao desenvolvimento acadêmico daqueles que vivem uma condição bi cultural. Os surdos, muitas vezes, são repetentes ou evadem o sistema educacional (Quadros, 2003).

Isso acontece pelo fato de as escolas, professores, alunos ouvintes e até mesmo os Intérpretes de Língua de Sinais serem completamente despreparados para dar conta da inclusão verdadeiramente falando em alunos surdos, no qual essa barreira é linguística com interesse de poucos em aprender esse idioma que circula no contexto educacional.

A última pergunta foi: quais as maiores dificuldades que você percebe que seu amigo Surdo tem na sala de aula? Observou-se nas respostas a preocupação com a comunicação desses alunos aos demais da sala de aula, que apesar da inclusão já estar no contexto educacional há alguns anos, ainda é vista com muita falha e desconhecimento por todos sobre o tema.

<b>IDENTIFICAÇÃO</b>	<b>RESPOSTAS</b>
AO 1	Interpretar algumas coisas e se comunicarem com os professores na falta do interprete;
AO 2	Com a presença da interprete ele não apresenta dificuldades, já sem a interprete ele demonstra muita dificuldade de entendimento, os professores precisam fazer alguma estratégias e muitas vezes ele fica com duvidas, pois os gestos não são específicos o que o que acaba muitas vezes comprometendo as atividades;
AO 3	Aprender alguns sinais, materiais, dialoga com outras pessoas sem problema de surdez, dialogo com os professores e a letra deles porque não são alfabetizados;

Fonte: A Autora (2018)

Detectou-se no decorrer das observações que existe muito a ser melhorado, porém, somente haverá avanços na educação inclusiva, aqui especificamente na educação de surdos, se houver a compreensão, colaboração e empenho no ambiente educacional, assim como no comportamento da sociedade.

É oportuno mencionar Lacerda (2006), entre outros autores, que alerta para o fato de que o aluno surdo, frequentemente, não compartilha uma língua com seus colegas e professores, estando em desigualdade linguística em sala de aula, sem garantia de acesso aos conhecimentos trabalhados, aspectos estes, em geral, não problematizados ou contemplados pelas práticas inclusivas.

Uma proposta que vale a atenção de todos para diminuir o problema de comunicação entre surdos e ouvintes no contexto educacional, seria as escolas oferecerem a disciplina de libras, para todos os alunos, como é feito com a disciplina da Língua Estrangeira (Inglês),

para que os alunos ouvintes aprendam a Libras enquanto disciplina, assim, se comunicar com os amigos surdos, sem a presença do Intérprete de Língua de Sinais, acontecendo de forma natural no cotidiano escolar e futuramente na sociedade, pois a Libras é muito importante para a comunicação dos surdos.

## **5 ANÁLISE DOS DADOS**

O desenvolvimento da pessoa não pode ser considerado como fato estagnado ou isolado. A aprendizagem é contínua e segundo concepção vygotskiana (1989) parte das relações socioculturais, das experiências compartilhadas.

Partindo desse contexto, as relações e experiências vividas por esta autora no decorrer da formação acadêmica deixaram marcas significativas e um novo olhar acerca das diferenças e dos sujeitos.

Diante de pesquisas realizadas por esta autora, pode-se verificar que a prática não condiz com a teoria, ou seja, o quadro de inclusão de alunos Surdos no ensino regular, proposto pelas Políticas Públicas de Inclusão está muito distante da realidade cotidiana da escola pública.

Na experiência de intervenção desta autora pôde-se constatar que seria extremamente eficaz se as escolas de ensino regular colocassem como proposta a disciplina de Libras, como um todo. É preciso políticas educacionais mais sérias, que saiam do papel e sejam colocadas em prática.

No decorrer da pesquisa verifica-se uma escola onde os alunos ouvintes e até mesmo os alunos Surdos desconhecem a disciplina de libras, contudo foi gratificante fazê-los entender que disciplinas como libras possibilitam o entendimento de que suas mãos também podem falar e seus olhos podem escutar de uma forma mais tranquila. O contexto encontrado demonstrou que a escola que se diz inserir o fazer pedagógico inclusivo está muito distante da escola inclusiva ideal.

Constatou-se que de fato a prática não condiz com a teoria, ou seja, o quadro de inclusão do aluno Surdo, proposto pelas Políticas Públicas de Inclusão está muito distante da realidade cotidiana da escola pública.

Além disso, não há preparação ou formação de professores, faltam especialistas para auxiliar os professores e quando estão disponíveis não o fazem com primor, reafirmando que o sistema brasileiro de ensino ainda não está totalmente preparado para pôr em prática de fato o processo de inclusão, visto que ele provoca os sistemas comuns a executarem alterações primordiais em procedimentos e estrutura.

Ao observar o fazer pedagógico do outro, abre-se a mente a reflexões éticas, transpondo a novas ações, outras leituras de mundo e de indivíduo; a aceitação de mudanças e do que é diferente, e tudo que antes se encontrava em zona de conforto.

De acordo com as pesquisas realizadas, os desafios da inclusão partem da necessidade de recursos didáticos, físicos e humanitários. A falta de recursos materiais é gritante, não possibilitando acessibilidade a todos. Além disso, pode-se verificar especialmente que se faz preciso maior empenho das políticas de inclusão, além de recursos que possibilitem que a mesma se efetive de forma realmente significativa.

Percebeu-se que não basta inserir alunos com deficiência na escola, é preciso incluí-los no processo, tornando-os parte do ato de ensinar e aprender, garantindo-os o direito a uma aprendizagem que possibilite uma trama com outros saberes da sociedade. Além disso, há necessidade de posturas mais atuais para construir uma pedagogia que promova uma escola nova com a filosofia inclusiva.

O intérprete da Língua Brasileira de Sinais é aquele que tomando a posição do sinalizador ou do falante, transmite os pensamentos, palavras e emoções do sinalizador, comunicador e falante, passando a ser um elo entre duas modalidades de comunicação.

A habilidade requerida num profissional Intérprete de Língua de Sinais é a competência da Língua Portuguesa e na Língua Brasileira de Sinais. Esta competência deve ser constantemente “regada” por meio do contato com a comunidade surda.

Contudo, o intérprete tem como papel de orientar e interpretar os diálogos entre acadêmicos surdos e ouvintes e de utilizar a comunicação bimodal, ou seja, usar diversos canais de comunicação para garantir a compreensão de significados. Assim, o Intérprete de Língua de Sinais necessita promover a tutoria, orientando o acadêmico surdo na organização de suas atividades acadêmicas.

RUSSO e PEREIRA (2008) salientam que:

Sendo a profissão de Intérprete de Língua de Sinais – ILS – ainda incipiente e não reconhecida, os cursos de formação não contam com um currículo padronizado. No entanto, no que diz respeito à área teórica como, por exemplo, a Linguística, em que se englobam temas como estrutura e aquisição da língua de sinais, já contaram com estudos e livros editados. (RUSSO; PEREIRA, 2008, p. 10).

Todavia, este comportamento deixa a desejar o seu papel de intérprete, gerando polêmicas, entre seus companheiros de profissão, bem como, nos regente das turmas mistas. Com o aumento das pesquisas nesta área, percebe-se que há necessidade de melhores esclarecendo sobre as semelhanças e diferenças entre o intérprete e o intérprete educacional.

Com a presença do intérprete de Língua de Sinais em sala de aula, o professor ouvinte pode ministrar suas aulas sem preocupar-se em como passar esta ou aquela informação em sinais, atuando normalmente na língua que tem domínio.

Em suma, conclui-se que é preciso uma sociedade humana, afetiva, capaz de se despir das hipocrisias, e se vestir de respeito ao olhar o outro como quem olha para dentro de si mesmo, buscando suas imperfeições, suas diferenças e se igualando aos demais. O normal é ser diferente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da educação no Brasil não se remete apenas aos processos de ensino e aprendizagem surgidos e reformulados com o passar do tempo, mas traz consigo momentos de marginalização, segregação, exclusão social em diversos aspectos, tais como, escolas despreparadas em sua estrutura física, profissionais com pouco ou nenhuma preparação, famílias sem interesse pelo processo de ensino-aprendizagem de seu filho, alunos com baixo nível de aprendizagem.

A ideia de que a diferença entre os sujeitos era fator prejudicial, em que os cidadãos se apegaram em tempos passados, já não se faz tão presente nas mentes, pois a sociedade vem transformando-se gradativamente abolido do contexto social. Presumir que todas as pessoas devem ser iguais passou a ser um caso isolado e somente em algumas mentes ainda.

Surge a humanização das diferenças, através da Lei de Salamanca e da declaração de Jomtien<sup>2</sup>. Com o tema Educação para todos, criando espaço destinado ao respeito à diversidade e a construção da identidade como direito conquistado. No contexto educacional, a escola deve se preparar para receber e incluir em seu espaço, por meio de ações educativas, o aluno com deficiência, implantando propostas de uma educação transformada, através de mais recursos visuais, aulas práticas, colocar os alunos como autores de seu próprio processo de ensino aprendizagem, procurando entender suas limitações.

Essa proposta requer estrutura organizacional, formação de professores, recurso, um ambiente que contemple o bem-estar, a inclusão e tenha como meta o ensino e aprendizagem de qualidade.

O processo de educação inclusiva está baseado em três fatores. O primeiro é a inserção do aluno com deficiência na escola regular como sujeito de direito inserido na sala de aula com demais alunos da mesma faixa etária. O segundo fator é um ambiente de respeito a sua diversidade, com estrutura acessível e livre de preconceitos, sendo tratado com qualquer outro educando do espaço escolar. O terceiro é a constituição do conhecimento deste aluno, participando e se desenvolvendo através de um currículo que possibilite sua aprendizagem.

No contexto inclusão e ensino de qualidade para todos, requer da escola uma nova postura atualizada, mudanças de velhas práticas, novas ideias, novas formas de organização, de forma a aperfeiçoar sua ação pedagógica. Nessa premissa, a escola passa a ser o local onde

---

<sup>2</sup> Declaração Mundial sobre Educação para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem Jomtien, 1990.

a inclusão ocorre naturalmente de maneira a adaptar os alunos, independente de suas necessidades.

As políticas inclusivas propõem leis e teorias que em si somente não satisfazem o processo inclusivo, uma vez que na prática não se consolidam, deixando a desejar. O processo não acontece como prevê a Lei, quando muito aparece citado nos Projetos Políticos Pedagógicos das instituições, ficando longe de se efetivar de fato na prática.

Cabe traçar um paralelo entre as respostas obtidas nessa pesquisa com relação à precária situação linguística dos alunos surdos, inserido no ensino regular, bem como, o desconhecimento do corpo docente e discente da escola sobre a Libras nesse contexto, onde a Resolução CNE/CEB de 2001, em seu artigo 12º, deixa claro que:

A Resolução CNE/CEB nº2, de 11 de setembro de 2001, aponta para a necessidade de atenção às questões linguísticas dos sujeitos surdos: Art. 12. § 2º Devemos ser asseguradas, no processo educativo de alunos que apresentam dificuldades de comunicação e sinalização diferenciadas dos demais educandos, a acessibilidade aos conteúdos curriculares, mediante a utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema braile e a língua de sinais, sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa, facultando-lhes e às suas famílias a opção pela abordagem pedagógica que julgarem adequadas, ouvidos os profissionais especializados em cada caso. (CNE/CEB de 2001).

A educação inclusiva é para “Todos”. Diante disso a criança surda e sua condição linguística e cultural devem ser beneficiadas. Porém o que se constatou, através dessa pesquisa, é que os fatos acontecem diferentes do previsto e assegurados por Leis e Decretos, a realidade é diferente de acordo com o local da referida pesquisa.

Percorrer a história da humanidade em diferentes aspectos leva a imaginação de novos ideais e posturas mais humanas, que venham de encontro com o respeito ao outro e a diversidade. A luta por um espaço de construção de igualdades não se limita apenas no âmbito educacional, mas nas relações do homem em sociedade, na busca por um lugar onde as diferenças sejam completamente “normais”.

A educação inclusiva não se limita a inserção do aluno com surdez na escola regular, mas se refere antes de tudo à valorização das diferenças, a aceitação da diversidade, onde as singularidades são parte das condições humanas e, portanto, merecem respeito.

Desta forma, analisaram-se as informações por meio das ações desenvolvidas sobre a presença de alunos Surdos e do Intérprete de Língua de Sinais no ambiente educacional estimulam e melhoram o processo de interação entre professores e alunos ouvintes. Deste

modo assegura-se a especificidade de uma educação bilíngue, estimulando experiências visuais, contribuindo para amenizar as desigualdades sociais entre Surdos e ouvintes, através do trabalho de interpretação no Ensino Médio do ensino regular, cursos de LIBRAS, grupo de teatro em LIBRAS, ou seja, divulgação da arte e cultura surda nos espaços educacionais.

O intérprete de Libras precisa ter clareza das informações para não criar situações que levem a circunstâncias desconfortáveis, pois o profissional intérprete não tem interesse de medir conhecimentos com o regente, mas de garantir uma comunicação eficaz entre ele e o aluno surdo. Por isto a importância do intérprete ter um eixo paradigmático<sup>3</sup> amplo no ato da tradução/interpretação, pois deverá realizar escolhas e substituições lexicais constantemente, para proporcionar ao aluno surdo um entendimento igualitário em relação aos alunos ouvintes sobre o conteúdo exposto pelo professor de cada disciplina.

Pode-se dizer que este tema abrange diversos fatores a serem pensados requerendo, portanto, um estudo aprofundado nesta área e uma formação específica para estes novos profissionais da educação que urgentemente estão sendo convocados para adentrar na sala de aula e atuar muitas vezes sem o respaldo teórico necessário. Nesta pesquisa encontramos os Intérpretes de Língua de sinais atuando dentro das salas de aulas em escolas inclusivas, sem nenhuma experiência profissional e nenhuma habilitação em um curso de graduação específico da área da educação de Surdos, ou seja, ainda cursando, e o que é pior sem proficiência Linguística na Língua de Sinais.

Necessidades estas básicas para a atuação no ato da interpretação em Língua de Sinais em sala de aula. Isto ocorre porque a maioria dos intérpretes de Língua de Sinais inicia seu contato com a Libras dentro de movimentos religiosos e acompanhamentos assistenciais generalizados. Precisamos de aprofundamento teórico para melhor, conhecer e definir, com clareza, a atuação, bem como estratégia de uso dos léxicos da Libras (proficiência linguística) e o papel deste profissional que adentrou no campo educacional e tem construído a sua formação por meio da prática. É o intérprete que percebe a dificuldade e tenta encontrar caminhos e métodos que facilitem a aquisição do conhecimento. Assim, faz-se necessário o envolvimento deste profissional com as questões didático-pedagógicas dentro deste contexto educacional.

O grande desafio do processo de inclusão na educação está na falta de preparo dos Intérpretes de Língua de Sinais, professores regentes e no descaso ao financiamento de recursos

---

<sup>3</sup> O eixo paradigmático é o da palavra, da seleção que fazemos por similaridade, ao elaborarmos uma frase. Nesse eixo, fazemos substituições entre palavras, entre termos da frase. No caso da Língua de Sinais substituição ou escolhas de usos dos sinais.

necessários, na falta de atendimento especializado e na prática educativa ultrapassada. É preciso compromisso na educação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRES, N.de A. **Intérprete educacional: políticas e práticas em sala de aula inclusiva**. São Paulo: Harmonia, 2015.

BRASIL. **Declaração Mundial sobre Educação para todos. Plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, Tailândia – 5 a 9 de março de 1990.

\_\_\_\_\_. **CNE/CEB nº 13/2009**. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica. Diretrizes Operacionais para o atendimento educacional especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial.

\_\_\_\_\_. **Declaração de Salamanca de princípios, política e prática para as necessidades educativas especiais**. Sobre princípios, política e prática em educação especial. Conferência Mundial, organizada pelo governo espanhol em colaboração com a UNESCO, 1994.

\_\_\_\_\_. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002**, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.098 de 23 de março de 1994**. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.319, DE 1º DE SETEMBRO DE 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF.

LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. (Org.) **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000.

\_\_\_\_\_. C.B.F. **O Intérprete educacional de língua de sinais. no Ensino Fundamental: refletindo sobre limites e possibilidades**. In: Letramento e Minorias. LODI, A. C. B.; HARRISON, K. M. P.; CAMPOS, S. R. L. e TESKE, O. (Org.). Porto Alegre: Mediação, 2002.

\_\_\_\_\_, C. B. F. **A inclusão escolar de alunos surdos: o que dizem os alunos, professores e intérpretes sobre esta experiência**. In: Caderno Cedes, Campinas, v.26, p.163-184, 2006.

\_\_\_\_\_, C. B. F. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Mediação, Porto Alegre, 2011.

\_\_\_\_\_, C. B. F. **Intérprete de Libras em atuação na educação infantil e no ensino fundamental**. Mediação, 4ª edição. Porto Alegre, 2012.

LODI, A. C. B., Harrison, Kathryn M.P., Campos, Sandra R.L. de, Teske, Ottmar. **Letramento e minorias**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

MANTOAN, M.T.E. **Inclusão Escolar: pontos e contrapontos** / Maria Tereza Eglér Mantoan, Rosângela Gavioli Pietro; Valéria Amorim Arantes (org.). São Paulo: Summus, 2006.

MASUTTI, M. L. **Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes**. Tese de Doutorado em Literatura, UFSC, 2007.

PAULON, S.M. **Documento subsidiário à política de inclusão** / Simone Mainieri Paulon, Lia Beatriz de Lucca Freitas, Gerson Smiech Pinho. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: MEC; SEESP; Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos, 2003.

\_\_\_\_\_, R. M. KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

\_\_\_\_\_, R. M. **O Tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília, DF: MEC, 2004.

ROSA, A. S. **A presença do intérprete de língua de sinais na mediação entre surdos e ouvintes**. In Ivani Rodrigues Silva; Samira Kauchaje; Zilda Maria Gesueli (Org.). Cidadania, Surdez e Linguagem. São Paulo: PLEXUS, 2003.

RUSSO, A. **Intérprete de língua brasileira de sinais: uma posição discursiva em construção**. Porto Alegre, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SANTOS, S. A. dos. **A constituição da identidade de ILS que atuam no ensino superior**. 2005. Proposta de qualificação (Mestrado) – PPGE, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

SANTOS, S. A. **Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação**. Cadernos de Tradução, v. 2, p. 145-164, 2010.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo Um a Sociedade Para Todos**. 3ª edição. Rio de Janeiro: WVA, 1999, 174p.

SILVA, C. A. A. **Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. Tese de doutorado. São Paulo: PPGAS/USP, 2010.

STOBÄUS, Claus Dieter. MOSQUERA, Juan José Mouriño I. **Educação Especial – Em direção à Educação Inclusiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2003.

## APÊNDICE - A

### QUESTIONARIO DE PESQUISA (para o interprete)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **desafios e perspectivas da dificuldade do intérprete no ensino regular**. (o termo de consentimento livre e esclarecido foi lido, explicado e tirado as duvidas) para a turma. Eu, \_\_\_\_\_, fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo.

Assinatura do Participante	Data
----------------------------	------

1) Qual seu nome? E formação acadêmica?

\_\_\_\_\_

2) Considerando o processo de inclusão do aluno surdo em sua sala de aula, quais as suas dificuldades para interpretar?

\_\_\_\_\_

3) Qual a sua opinião em relação à inclusão dos alunos surdos no ensino regular?

\_\_\_\_\_

4) Qual a sua opinião sobre o relacionamento entre os alunos surdos x alunos ouvintes na sala?

\_\_\_\_\_

5) Você se sente preparada para atuar como interprete de Libras? Por quê?

\_\_\_\_\_

6) Quais as dificuldades que você encontra no momento que esta interpretando uma aula?

\_\_\_\_\_

7) Quais foram às capacitações para desenvolver suas habilidades, bem como, o aperfeiçoamento e aprimoramento do tradutor intérprete de LIBRAS, que você realizou?

\_\_\_\_\_

## APÊNDICE - B

### QUESTIONARIO DE PESQUISA (para os professores)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **desafios e perspectivas da dificuldade do intérprete no ensino regular**. (o termo de consentimento livre e esclarecido foi lido, explicado e tirado as duvidas) para a turma. Eu, \_\_\_\_\_, fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo.

Assinatura do Participante	Data
----------------------------	------

1) Qual seu nome? E formação acadêmica?

---

2) Você sente dificuldades para ensinar o aluno surdo? Se sim, quais?

---

3) O aluno surdo apresenta dificuldades em seu processo de escolarização? Se sim, quais?

---

4) Você acha que existe a necessidade de alguma adaptação curricular para os alunos surdos? Se sim, ela é feita?

---

5) Qual a sua opinião em relação à inclusão dos alunos surdos no ensino regular?

---

## APÊNDICE – C

### QUESTIONARIO DE PESQUISA (para o aluno Surdo)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **desafios e perspectivas da dificuldade do intérprete no ensino regular**. (o termo de consentimento livre e esclarecido foi lido, explicado e tirado as duvidas) para a turma. Eu, \_\_\_\_\_, fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo.

Assinatura do Participante	Data
----------------------------	------

1) Qual a forma de comunicação usada por você na sala de aula?

Oral/fala ( )

Libras ( )

Comunicação Total ( )

2) Você conhece e sabe e usar a libras? Aprendeu com que idade a Língua de Sinais (teve contato com a Libras)?

---

3) Você sente dificuldades para aprender juntos com os alunos ouvintes? Quais?

---

4) Você acha que existe a necessidade de alguma adaptação curricular para você aprender melhor? Se sim, ela é feita? Quais?

---

5) Você acha que a presença do interprete de Libras importante no seu processo de escolarização? Por quê?

---

6) Quais as maiores dificuldades que você teve durante sua trajetória de estudante, sofreu preconceito por ser surdo?

---

## APÊNDICE – D

### QUESTIONARIO DE PESQUISA (para o aluno ouvinte)

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: **desafios e perspectivas da dificuldade do intérprete no ensino regular**. (o termo de consentimento livre e esclarecido foi lido, explicado e tirado as duvidas) para a turma. Eu, \_\_\_\_\_, fui informada (o) dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e motivar minha decisão se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo.

Assinatura do Participante	Data
----------------------------	------

1) O que você sabe sobre surdez?

---

---

2) Você conhece e sabe e usar a libras? Aprendeu onde ou com quem?

---

---

3) Você sente dificuldades para aprender juntos com os alunos Surdos? Quais?

---

---

4) Você acha que existe a necessidade de alguma adaptação curricular para seu amigo Surdo aprender junto com você?

---

---

5) Você acha que a presença do interprete de Libras na sua sala de aula? Por quê?

---

---

6) Quais as maiores dificuldades que você percebe que seu amigo Surdo tem na sala de aula?

---

---